


Quaderns de Psicologia | 2019, Vol. 21, No 2, e1491

ISSN: 0211-3481

 <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1491>

Instrumentos padronizados na avaliação da impulsividade e comportamentos de risco em adolescentes: revisão sistemática

Standardized instruments to assess the relationship between impulsivity and risk behaviors in adolescents: systematic review

Andreia Mello de Almeida Schneider
Marina Pante
Rosa Maria Martins de Almeida
Denise Ruschel Bandeira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

A impulsividade, própria da adolescência, é marcada por um aumento de comportamentos de risco (CR), que podem estar associados a desfechos negativos na vida. Para conhecer instrumentos de avaliação padronizados voltados para adolescentes, em estudos que avaliam a relação entre impulsividade e comportamento de risco (sexo de risco e uso de drogas ilícitas e álcool) foi conduzida uma revisão sistemática. As bases de dados acessadas foram PsycINFO, Web of Science, SCOPUS e BVS-Psi de janeiro/2006 a outubro/2018. Destaca-se o uso de escalas e inventários, uma possível associação positiva entre os construtos e um consenso quanto ao fato de que o período inicial da adolescência é o momento de início do uso de álcool e drogas, assim como de sexo sem proteção. Foi possível traçar um panorama das diferentes maneiras de avaliá-los, o que é útil para a prática de profissionais que trabalham com esse tema.

Palavras-chave: **Comportamento Impulsivo; Assunção de Riscos; Instrumentos padronizados**

Abstract

Impulsiveness, typical of adolescence, is marked by an increase in risk behaviors, which may be associated with negative outcomes in life. To know standardized assessment tools for adolescents, a systematic review was conducted in studies that evaluated the relationship between impulsivity and risk behavior (sex at risk and use of illicit drugs and alcohol). The databases accessed were PsycINFO, Web of Science, SCOPUS and BVS-Psi from January 2006 to October 2018. We highlight the use of scales and inventories, a possible positive association between the constructs and a consensus regarding the fact that the initial period of adolescence is the time of the initial use of alcohol and drugs, as well as unprotected sex behavior. It was possible to outline the different ways of evaluating them, which can be useful for the practice of professionals working on this topic.

Keywords: Impulsive Behavior; Risk-Taking; Standardized instruments

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde define adolescência como o período entre 10 e 19 anos de idade e propõe que esta é uma fase em que adolescentes se tornam expostos a situações com as quais talvez ainda não estejam aptos a enfrentar (World Health Organization, 2018). Comportamentos que envolvam uso de álcool, drogas ilícitas e iniciação sexual sem proteção podem levar a problemas de ajustamento e saúde mental que tem reflexos na vida adulta (McNeely & Blanchard, 2009; Squeglia, Jacobus, & Tapert, 2009; World Health Organization, 2018). O último relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) sobre a Situação da Adolescência Brasileira aponta como preocupante a gravidez na adolescência, as doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS, além do abuso de drogas (UNICEF, 2011). Diante da preocupação de organizações mundiais como a OMS e a UNICEF, questiona-se como esses comportamentos de risco (CR) e a impulsividade podem ser avaliados. O uso de instrumentos que apresentem fidedignidade e evidências de validade garantem uma medida que permite a comparação do adolescente com outros de um contexto semelhante, além de ser uma avaliação mais isenta de viés que se baseada somente em entrevistas ou em instrumentos não padronizados (Ambiel & Carvalho, 2017; Zanon & Hauck Filho, 2015).

A impulsividade não tem uma concordância quanto a sua definição (Dir, Coskunpinar, & Cyders, 2014; International Society for Research on Impulsivity, 2017). Alguns estudiosos (Moeller, Barratt, Dougherty, Schmitz, & Swann, 2001; Peña-Oliver et al., 2015; Vasconcelos, Malloy-Diniz, & Correa, 2012) afirmam que é um construto multidimensional (biológico e comportamental). Outros (Eysenck & Eysenck, 1977; Vasconcelos et al., 2012), referem que é uma dimensão da personalidade (enquanto modo de pensar, sentir e agir). A impulsividade afeta o comportamento em diferentes contextos como o lazer e o trabalho (Sharma, Markon, & Clark, 2014; Willhelm, Fortes, Czermainski, Rates, & Almeida, 2016), podendo, portanto, gerar sofrimento, dificuldades de ajustamento e transtornos mentais. A impulsividade, própria da adolescência, é marcada por um aumento do CR (Brown et al., 2015; Collado, MacPherson, Kurdziel, Rosenberg, & Lejuez, 2014; Ke-

ough, Badawi, Nitka, O'Connor, & Stewart, 2016; Steinberg, 2008). O CR envolve a participação em atividades que podem iniciar por exploração, ocorrendo uma única vez, ou a participação recorrente em atos que podem comprometer a saúde mental e física (Wheeler et al., 2017). A predisposição do adolescente para assumir riscos se deve a mistura de genes, hormônios, alterações cerebrais e ao meio ambiente em que está inserido (Cohn, Popma, Raine, & Cima, 2016; Holz, Zohsel, Laucht, Banaschewski, Hohmann & Brandeis, 2016). Apesar de não descartar a importância de considerar aspectos psicológicos e contextuais, Laurence Steinberg (2008, 2014) afirmou que o CR aumenta entre a infância e a adolescência como resultado de mudanças no sistema socioemocional do cérebro, levando a maior busca de recompensas, especialmente na presença de pares.

Apesar da variedade de CR (Brown et al., 2012; Niquice, 2014; Rosen et al., 2016; Steinberg, 2014; Wheeler et al., 2017), nesta revisão sistemática optou-se por focar no comportamento sexual de risco e abuso de álcool e drogas ilícitas. Esta delimitação se justifica em função de que o uso de substâncias psicoativas ilícitas, além do risco à saúde, expõe o adolescente a outros riscos como o envolvimento com o tráfico e alterações severas no desenvolvimento cerebral (McNeely & Blanchard, 2009; Squeglia et al., 2009). Já o comportamento sexual pode levar a gestação indesejada ou a contração de doenças sexualmente transmissíveis graves como o HIV (Alves, Zappe, & Dell'Aglio, 2015; McNeely & Blanchard, 2009).

Esta revisão se justifica para conhecer o que já foi produzido acerca da relação entre a impulsividade e CR (sexo de risco e uso de drogas ilícitas e álcool) em adolescentes, utilizando formas padronizadas de avaliação desses construtos. A impulsividade é frequentemente incluída como um fator de risco em modelos de assunção de risco sexual na adolescência, por exemplo, mas os achados sobre a magnitude da associação entre impulsividade e comportamento sexual de risco são variáveis entre os estudos (Dir et al., 2014) e talvez isso se deva ao fato de as avaliações não serem padronizadas. Assim, esta revisão teve como objetivo, portanto, fazer um levantamento, de forma exploratória, de estudos que utilizaram somente ferramentas padronizadas

já que instrumentos fidedignos e válidos garantem uma medida de maior qualidade (Ambiel & Carvalho, 2017; Zanon & Hauck Filho, 2015). Não foi encontrado estudo, até o momento, que focasse no levantamento de formas padronizadas de medida desses construtos. O objetivo foi realizar um levantamento dos instrumentos padronizados mais utilizados pelos pesquisadores do tema CR e impulsividade.

MÉTODO

Foi operacionalizada uma revisão sistemática da literatura, seguindo as premissas propostas como *standards* por Luís Fernández-Ríos e Gualberto Buena-Casal (2009), Costa, Zoltowski, Koller, & Teixeira (2015) e PRISMA (Galvão, Pansani, & Harrad, 2015). Foi realizada uma busca eletrônica, por duas das autoras do presente trabalho (AS e MP) de forma independente, de artigos indexados nas bases de dados PsycINFO, Web of Science, SCOPUS e BVS-Psi, pois são bases de dados que compreendem um grande número de periódicos direta-

mente relacionados à Psicologia, área que tem como um dos focos o uso de instrumentos padronizados. As buscas, realizadas em outubro de 2018, tiveram como operadores booleanos [OR] e [AND] para combinar os termos e não restringir excessivamente o escopo. Foram usados os símbolos de truncagem "*" (asterisco) ou \$ (cifrão), de acordo com a base de dados. Assim, foram combinadas as palavras "impulsiv*", "risk* behavior*" OR "risk* behaviour*" AND "scale" OR "inventory" OR "projective" AND "adolescen*". Como critérios de elegibilidade, foram selecionados artigos revisados por pares, publicados entre janeiro de 2006 a outubro de 2018. Não foi feita restrição de idiomas como filtro e, dos resumos lidos, apenas quatro artigos foram publicados em outro idioma que não inglês: dois em eslovaco, um em russo e outro em chinês que não puderam ser analisados por falta de tradução adequada. Conforme preconizam os critérios PRISMA, a seleção dos artigos se deu de modo independente por dois autores, utilizando campos de dados pré-definidos. A concordância entre as juízas foi de 93,48% e, nos casos de discordância buscou-se estabelecer um consenso entre avaliadores.

Crítérios de exclusão aplicados: (a) amostra com participantes com idade fora da faixa etária estabelecida pela OMS (10 a 19 anos), (b) artigos não empíricos, (c) que utilizassem formas de investigação não padronizadas (por exemplo, entrevistas não estruturadas e grupos focais), (d) não tivessem como objeto de estudo a impulsividade e o CR (especificamente comportamento sexual e uso de álcool e drogas ilícitas). Após as exclusões e análise

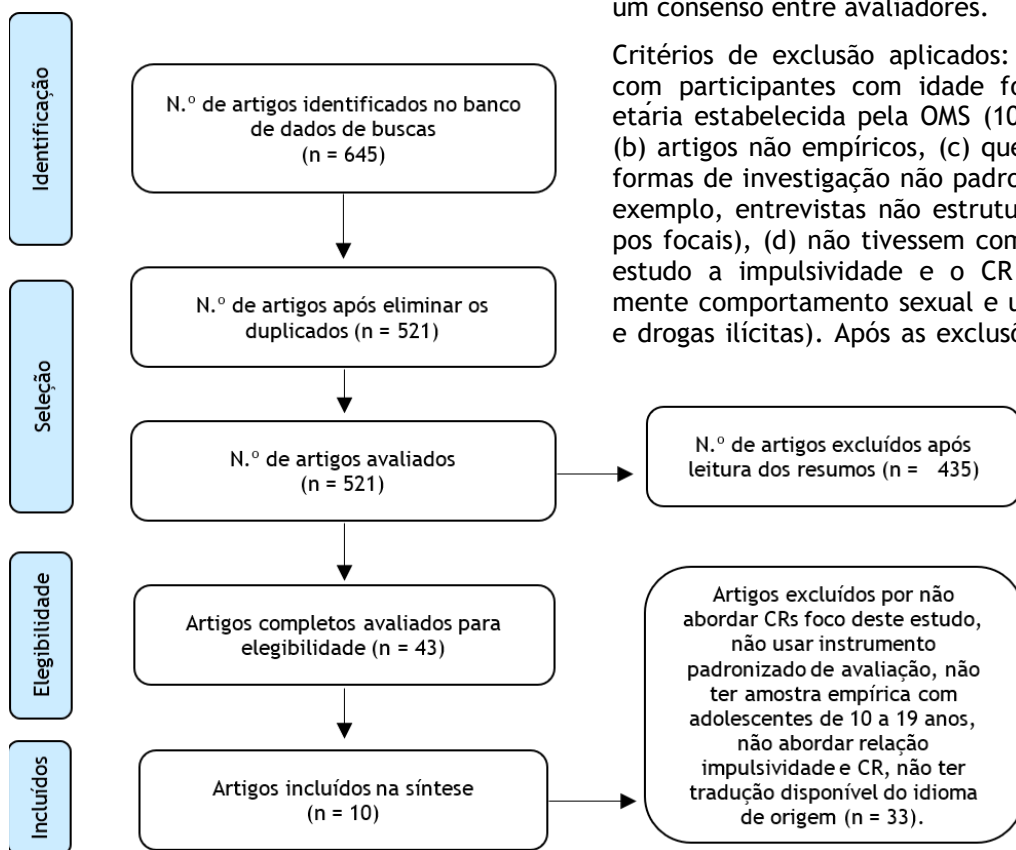


Figura 1. Diagrama da seleção de artigos para revisão sistemática

criterosa, restaram 10 artigos que foram lidos na íntegra. Baseado no objetivo desta revisão, a leitura de cada artigo teve como finalidade verificar: (1) país onde foi realizado o estudo; (2) amostra utilizada (característica dos participantes, contexto); (3) instrumentos usados para avaliação da impulsividade e do comportamento sexual de risco e uso de drogas e álcool em adolescentes; e (4) principais resultados, a fim de se ter uma panorama geral de estudos com instrumentos padronizados (figura 1).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discrepância verificada entre o número de artigos inicialmente obtido (645) e a quantidade de referências considerada efetivamente pertinente (10) já era esperada em virtude do estabelecimento de critérios de exclusão bastante específicos. Tais critérios se mostraram importantes para tomar ciência de quais instrumentos de avaliação têm sido usados em adolescentes para avaliar a impulsividade e CR específicos (sexo sem proteção e abuso de álcool e drogas) em estudos que levaram em conta a relação entre esses construtos.

No que concerne à *primeira dimensão de análise*, o país onde foi realizado o estudo, o objetivo era conhecer o contexto em que o estudo foi conduzido. Observou-se maior participação de trabalhos produzidos nos Estados Unidos (cinco), dois na Holanda, um na Suíça, um na Suécia e um na Espanha. Ficou evidente um maior interesse por pesquisar uso de álcool, cocaína e maconha (Charles et al., 2016; Gunnarsson, Petter Gustavsson, Tengström, Franck, & Fahlke, 2008; Hamilton, Felton, Risco, Lejuez, & MacPherson, 2014; Leeuwen, Creemers, Verhulst, Ormel, & Huijink, 2011; Malmberg et al., 2010; Martinez-Loredo, Fernandez-Hermida, De La Torre-Luque, & Fernandez-Artamendi, 2018; Panwar, Rutherford, Mencl, Lacadie, & Mayes, 2014; Romer et al., 2011; Zimmermann, 2010) em contraponto ao comportamento sexual de risco (Sales, Latham, Diclemente, & Rose, 2010), quando relacionados à impulsividade.

Interessante notar a ausência de estudos com instrumentos padronizados em países menos desenvolvidos. Pode-se pensar que tais indicadores ainda não são suficientes para justificar pesquisas empíricas com adolescentes que

investiguem CR e a impulsividade de forma padronizada, ou que pesquisadores tenham investigado esses construtos sem considerar a relação entre eles.

A avaliação da *segunda dimensão de análise*, que diz respeito à amostra utilizada, os estudos recuperados optaram por amostras não probabilísticas selecionadas por conveniência. O tamanho das amostras variou desde 21 sujeitos (Panwar et al., 2014), até 3.783 adolescentes (Malmberg et al., 2010). Esta revisão, no total, teve acesso a informações de 10.973 adolescentes. A maioria das pesquisas buscou adolescentes em escolas (Gunnarsson et al., 2008; Leeuwen et al., 2011; Malmberg et al., 2010; Martinez-Loredo et al., 2018; Panwar et al., 2014; Romer et al., 2011; Zimmermann, 2010), um estudo se utilizou de anúncios em rádio locais (Charles et al., 2016) e quatro estudos fizeram uso de amostras clínicas obtidas em múltiplas instituições, tais como escolas e clínicas psiquiátricas (Hamilton et al., 2014; Leeuwen et al., 2011; Panwar et al., 2014; Sales et al., 2010). Dentro desta segunda dimensão de análise, um estudo (Panwar et al., 2014) apontou como limitação o pequeno tamanho da amostra (21 adolescentes), o que é digno de nota em termos tanto do poder preditivo das análises estatísticas quanto a generalização dos resultados. Outro (Charles et al., 2016) apontou que pelo fato de a amostra ter sido selecionada por conveniência os resultados podem não ser representativos da faixa etária pesquisada (de 10 a 12 anos). Já (Martinez-Loredo et al., 2018) aponta a necessidade de estudos longitudinais com crianças a fim de verificar se a impulsividade seria um traço que já estava presente antes da adolescência, quando o CR se apresenta.

Quanto à *terceira dimensão de análise*, que trata dos instrumentos padronizados usados para avaliação da impulsividade e CR, verificou-se que tanto a avaliação da impulsividade, quanto o CR, foi avaliado com escalas e inventários. Quanto ao CR três estudos (Charles et al., 2016; Malmberg et al., 2010; Romer et al., 2011) utilizaram questionários não padronizados, mas adaptados para pesquisar a ocorrência e frequência do CR sendo investigado. Dois dos artigos (Hamilton et al., 2014; Romer et al., 2011), apesar de terem usado instrumentos padronizados, optaram por adaptar a versão original da escala *Youth Risk*

Behavior, pois tinham interesse em verificar aspectos específicos da amostra explorada em um determinado contexto. Um dos artigos, além do uso da *Sensation Seeking Scale for Children* fez uso também de coleta de urina e ar para detectar uso de drogas e álcool (Charles et al., 2016).

Quanto a impulsividade, dois estudos (Gunnarsson et al., 2008; Malmberg et al., 2010) optaram por usar instrumentos que avaliavam a personalidade de modo mais amplo e, dentro disso analisaram especificamente a impulsividade. O estudo de Monique Malmberg et al. (2010) usou a *Substance Use Risk Profile Scale* (SURPS) que avalia quatro dimensões da personalidade: sensibilidade para ansiedade, desesperança, busca por sensações e impulsividade (dificuldade do adolescente em controlar o comportamento). Já no artigo conduzido por Mattias Gunnarsson, Petter Gustavsson, Anders Tengström, Johan Franck, Claudia Fahlke (2008), a impulsividade foi avaliada pelo HP5, que é um instrumento que apresenta cinco facetas da personalidade – socialização, escrupulosidade, neuroticismo, extroversão e abertura para experiência – e a impulsividade é incluída como um subitem da faceta denominada escrupulosidade. Os outros oito artigos (Charles et al., 2016; Hamilton et al., 2014; Leeuwen et al., 2011; Martinez-Loredo et al., 2018; Panwar et al., 2014; Romer et al., 2011; Sales et al., 2010; Zimmermann, 2010) que usaram instrumentos específicos para avaliação da impulsividade, empregaram escalas e inventários (ver Tabela 1). Apenas dois estudos usaram tarefas padronizadas, conduzida em laboratório para avaliar a impulsividade observada: um utilizou a *Bangor Gambling Test* (BGT) (Leeuwen et al., 2011) e outro a tarefa *Delay Discounting* (DD) (Martinez-Loredo et al., 2018). Apenas dois estudos empíricos incluídos nesta revisão sistemática usaram o mesmo instrumento de avaliação da impulsividade, a *Barrat Impulsiveness Scale* para adolescentes (BIS-11-A). Tarefas controladas de observação foram empregada por quatro estudos (Hamilton et al., 2014; Leeuwen et al., 2011; Martinez-Loredo et al., 2018; Panwar et al., 2014) das quais a *Ballon Analogue Risk Task* usada em duas pesquisas (Hamilton et al., 2014; Panwar et al., 2014), sendo que Kristen R. Hamilton, Julia W. Felton, Cristina M. Risco, Carl W. Lejuez e Laura MacPherson (2014) optou pela ver-

são adaptada para adolescentes (BART-Y). Trata-se de uma tarefa computadorizada que avalia a propensão a CR e impulsividade, em que balões devem ser inflados (evitando que se estourem) para que se ganhe uma recompensa.

Alguns dos estudos aqui apresentados usaram instrumentos que entendem a impulsividade como parte do comportamento do adolescente enquanto outros, um componente da personalidade e, portanto, mais relacionado a algo que acompanha a constituição do jeito de ser do adolescente para além do comportamento. Tal achado corrobora a literatura (Eysenck & Eysenck, 1977; Moeller et al., 2001; Peña-Oliver et al., 2015; Vasconcelos et al., 2012).

Nesta revisão sistemática, também foi possível observar que, para verificar o CR, a maioria dos autores (Charles et al., 2016; Gunnarsson et al., 2008; Hamilton et al., 2014; Leeuwen et al., 2011; Malmberg et al., 2010; Martinez-Loredo et al., 2018; Romer et al., 2011; Sales et al., 2010) preferiram usar questionários organizados por eles próprios, algumas vezes incluindo questões sobre comportamento sexual de risco e uso de álcool e drogas por meio de perguntas específicas incluídas em um questionário sociodemográfico. Apenas o estudo conduzido por Grégoire Zimmermann (2010) usou uma escala especificamente desenvolvida para avaliar CR e percepção de risco (desde riscos mais baixos como não estudar para uma prova, até riscos mais elevados como sexo sem o uso de preservativo e uso de drogas e álcool), a *Risk Involvement and Perception Scale* (RIPS-R).

Ainda com relação aos instrumentos usados, alguns estudos indicaram que o uso de instrumentos de autorrelato para avaliar a impulsividade ou o CR foi uma limitação (Hamilton et al., 2014; Leeuwen et al., 2011; Malmberg et al., 2010; Panwar et al., 2014; Zimmermann, 2010). O estudo de Hamilton et al. (2014), sugere pesquisas que usem medidas comportamentais para melhor compreender diferentes aspectos da impulsividade enquanto Karni Panwar et al. (2014) complementou a avaliação dos adolescentes com a tarefa comportamental *Balloon Analogue Risk Task* (BART), que acabou por fornecer maior robustez aos achados de sua pesquisa.

Autores (Ano)	Delineamento*	Pais**	Participantes adolescentes (Idade M e DP)	Instrumentos utilizados
Hamilton, Felton, Risco, Lejuez e MacPherson (2014)	1; 2	US	277 (M=12,97; DP=0,92)	Impulsividade: <i>Eysenck Impulsiveness Scale</i> . CR: <i>Balloon Analogue Risk Task</i> (BART-Y); <i>Youth Risk Behavior Surveillance System</i> (Versão modificada).
Romer et al. (2011)	1; 3	US	387 (M = 11,4; DP = 0,9)	Impulsividade: <i>Eysenck Personality Inventory</i> ; <i>Brief Sensation Seeking Scale</i> (BSSS - itens 1 a 4). CR: Questionário derivado da <i>CDC's State and Local Youth Risk Behavior Survey</i> (YRBS) e <i>Monitoring the Future</i> (MTF).
Panwar et al. (2014)	3	US	21 (13 a 18 anos)	Impulsividade: <i>Barratt Impulsiveness Scale-11</i> (BIS-11A). CR: <i>Balloon Analogue Risk Task</i> (BART).
Leeuwen, Creemers, Verhulst, Ormel e Huizink (2011)	3	NL	667 (M=11,09; DP= 0,55)	Impulsividade: <i>Behavioral Inhibition System</i> (BIS) e <i>Behavioral Activation System</i> (BAS); <i>Bangor Gambling Test</i> (BGT). CR: Questionários de autorrelato: uso de maconha e tabaco (ao longo da vida) e uso de álcool (últimos 30 dias).
Malmberg et al. (2010)	3	NL	3.783 (M=13,01; DP=0,49)	Impulsividade e CR: <i>Substance Use Risk Profile Scale</i> (SURPS). CR: Questionário para investigar uso de álcool, tabaco e maconha ao longo da vida.
Sales, Latham, DiClement, e Rose (2010)	2	US	701 (M=17,6; DP=1,7)	Impulsividade: Escala de impulsividade de 15 itens de Zimmerman. CR: Questionário sociodemográfico: resposta sim (1) ou não (0) para avaliar comportamentos.
Zimmerman (2010)	3	CH	144 (M=17,03; DP = 1,06)	Impulsividade: <i>UPPS Impulsive Behavior Scale</i> . CR: <i>Risk Involvement and Perception Scale</i> (RIPS-R).
Gunnarsson, Gustavsson, Tengstrom, Franck e Fahlke (2008)	3	SE	3419 (M=18 anos)	Impulsividade: Inventário HP5. CR: Questionário a respeito do uso de tabaco, álcool e drogas ilícitas.
Charles, Ryan, Bray, Mathias, Acheson e Dougherty (2016)	3	US	386 (10 a 12 anos)	Impulsividade: <i>Barratt Impulsiveness Scale-11</i> (BIS-11). CR: Questionário a respeito do uso de álcool e drogas ilícitas; Amostras de urina e ar expirado; <i>Sensation Seeking Scale for Children</i> (SSSC).
Martinez-Loredo, Fernandez-Hermida, De La Torre-Luque e Fernandez-Artamendi (2018)	3	ES	1188 (M=12,99; DP=0,50 em T1)	Impulsividade: <i>Barratt Impulsiveness Scale for adolescents</i> (BIS-11-A), adaptação espanhola; <i>Impulsive Sensation Seeking scale</i> (ImpSS), adaptação espanhola; <i>Delay discounting task</i> (DD). CR: Questionário adaptado da <i>European School Survey on Alcohol and other Drugs</i> (ESPAD); <i>Rutgers Alcohol Problem Index</i> (RAPI), adaptação espanhola.

* 1= longitudinal; 2= experimental; 3= quasi-experimental

** CH= Suíça; ES= Espanha; NL= Holanda; SE= Suécia; US= Estados Unidos

Tabela 1. Resumo das informações apresentadas nas dimensões de análise um a quatro e indicação da data de publicação e nome dos autores dos artigos (N=10).

Os instrumentos de autorrelato são de grande valia para a psicologia, visto que podem auxiliar os profissionais na investigação de diagnósticos e planejamento de tratamento. Contudo, é importante salientar que esses instrumentos são baseados no relato sobre as experiências e sintomas apresentados pelo adolescente que apresenta CR e/ou impulsividade. Tal fato pode tornar esses instrumentos

de medida vulneráveis às falhas de memória, à subjetividade inerente ao sujeito avaliado e, em alguns casos, torná-los passíveis de manipulação, intencional ou inconsciente, das informações, prejudicando a intervenção posterior e, conseqüentemente, seus resultados (Ciarrochi et al., 2016; Mihura, 2012).

De qualquer modo, as dificuldades vistas nos instrumentos de autorrelato podem ser mini-

mizadas com o uso de um instrumento menos estruturado, como testes projetivos (Martel, Markon, & Smith, 2017; Mihura, 2012), no qual as questões específicas do comportamento de risco e impulsividade não sejam diretamente abordadas. Esperava-se encontrar algum estudo que abarcasse tal método de avaliação, no entanto, nenhum dos artigos incluídos nesta revisão sistemática contempla o uso de instrumentos menos estruturados, mas que sejam padronizados e tal procedimento permitiria ao avaliador acesso às experiências internas do sujeito sem que este tivesse que falar diretamente sobre elas. Os estudos também não referem uma bateria de instrumentos e técnicas que abarque múltiplos informantes, por exemplo, envolvendo pais e professores, o que também poderia minimizar a limitação inerente às técnicas de autorrelato (Ooi et al., 2017; Mihura, 2012). De maneira geral, a qualidade metodológica dos estudos é considerada boa, visto que apresentam tamanho de amostra e delineamentos adequados para os objetivos dos estudos, conforme explicitado na Tabela 1.

No que se refere à *quarta dimensão de análise*, os principais achados sobre impulsividade e CR, foi possível verificar a sugestão de uma associação positiva entre os construtos (Charles et al., 2016; Hamilton et al., 2014; Leeuwen et al., 2011; Panwar et al., 2014; Romer et al., 2011; Sales et al., 2010). A maioria das pesquisas não apresentou análises estatísticas ou discussões que pudessem oferecer maior consistência desta possível associação. Neste sentido, o estudo de Jessica M. Sales et al. (2010), apesar de analisar o uso de contraceptivo hormonal e camisinha, além da avaliação da impulsividade, limitou-se a mostrar uma diferença significativa entre adolescentes que usam um único método de proteção versus os dois métodos. Não apresentou uma discussão sobre esses resultados e nem uma proposta de analisar diferenças entre gêneros como propõem o estudo de metanálise de Dir et al. (2014), no entanto sugeriu diversas intervenções, sem basear essas propostas nos dados estatísticos evidenciados. Já a pesquisa de Zimmermann (2010), apesar de ter indicado que a maior prevalência dentre os CR avaliados foi para uso de álcool e maconha, a adoção desses comportamentos não estaria diretamente relacionada à impulsividade, mas sim à percepção de um ganho imediato. O autor entendeu este ganho como a necessidade de

socialização entre pares na adolescência. Já o estudo de Malmberg et al. (2010) não encontrou relação entre impulsividade e uso de álcool ou maconha. Também não encontrou relação entre impulsividade e uso de múltiplas drogas por parte do jovem (álcool, tabaco e maconha), diferentemente de outros estudos mencionados pelos próprios autores desta pesquisa. Eles inferem que talvez a impulsividade só tenha poder discriminante suficiente quando o uso de certas substâncias é desviante (por exemplo, cocaína, ecstasy e opióides) do uso mais comum na adolescência que é a maconha.

De modo geral foi possível notar um consenso quanto ao fato de que o período inicial da adolescência é o momento de início do uso de álcool e drogas, assim como de sexo sem proteção. Quanto aos principais resultados dos estudos analisados, foi possível verificar que apesar de partir da hipótese de haver relação entre a impulsividade e CR, os artigos abordaram diferentes implicações, desde prejuízos a médio e longo prazo a partir do uso de álcool e drogas (Charles et al., 2016; Hamilton et al., 2014; Leeuwen et al., 2011), até a associação a déficits em funções executivas (Panwar et al., 2014; Romer et al., 2011). Os resultados do estudo de Dan Romer et al. (2011) sugerem que os comportamentos de risco em adolescentes são produto tanto de uma forma mais disfuncional de impulsividade, associada a déficits em funções executivas e à tendência de agir sem pensar, quanto a uma forma mais controlada de impulsividade associada à busca de sensações e funções executivas mais preservadas. Os autores ponderam a importância de dar continuidade à avaliação dos adolescentes que participaram do estudo, à medida que entrem na adolescência tardia, para determinar se os dois tipos de impulsividade levariam a riscos diferentes para o desenvolvimento saudável, o que corrobora outros estudos em que a impulsividade é marcada por um aumento do CR (Collado et al., 2014).

Consoante com o estudo de Romer et al. (2011), os resultados de Hamilton et al. (2014) evidenciaram que a interação entre impulsividade e CR contribui para o início do uso precoce do álcool e enfatiza os papéis interativos da impulsividade e da assunção de riscos na iniciação precoce ao uso de álcool. Corroborando estes resultados, outro estudo

incluído na análise (Leeuwen et al., 2011) sugeriu que altos índices de impulsividade autorrelatada aumentaram a probabilidade de os adolescentes participantes do estudo terem experimentado maconha e tabaco durante a vida. Além disso, um achado importante, é que quando comparados aos adolescentes que nunca experimentaram maconha, os usuários contínuos da substância evidenciaram menores índices de inibição comportamental, o que poderia levar a outros comportamentos de risco. Contrário a isso, o estudo de Víctor Martínez-Loredo et al. (2018) sugerem que não apenas uma impulsividade basal elevada é uma variável importante em relação aos padrões de risco do uso de substâncias, mas também a manutenção de escores elevados em impulsividade ao longo do desenvolvimento.

Ainda, no que concerne os principais achados sobre impulsividade e CR, o trabalho de Romer et al., (2011), sugeriu um estudo longitudinal que desse seguimento à avaliação dos adolescentes para determinar se uma trajetória de risco inicial tem diferentes relações com trajetórias em impulsividade e funções executivas. A expectativa dos autores é de que tal análise evidencie que uma trajetória de tomada de risco precoce está mais altamente relacionada com o “agir sem pensar” e com déficits em funções executivas. Neste sentido, Panwar et al. (2014) ainda apontam como limitação o fato de que as medidas de impulsividade e CR foram obtidas em diferentes momentos ao longo de um ano e, contradiatoriamente, Hamilton et al. (2014), sugeriram estudos longitudinais para examinar alterações ao longo do desenvolvimento. Já no estudo de Andrea Prince van Leeuwen et al. (2011), os autores apontaram como limitação o fato de que as escalas BIS/BAS, assim como a tarefa *Bangor Gambling Test* (BGT), não terem sido específicas o suficiente para prever o uso de maconha durante a adolescência.

A relação entre impulsividade e CR é complexa e não necessariamente consistente. Estudos sugerem que esta relação pode não ser só existente como também elevada (Brown et al., 2015; Leeuwen et al., 2011), diferentemente do estudo de Dir et al. (2014) que evidenciou resultados de um estudo de metanálise indicando resultados significativos, porém com pequena associação entre impulsividade e comportamento sexual de risco ($r = 0.19$, p

$< 0,001$). Contudo, cabe ressaltar que o estudo de metanálise teve como foco o comportamento sexual de risco, enquanto a maioria (nove entre 10) dos estudos incluídos nesta revisão tiveram como foco o uso de álcool e drogas ilícitas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema investigado tem relevância científica e social para a área de estudo por sistematizar as informações já obtidas em outras pesquisas, indicando a necessidade de desenvolvimento ou adaptação de instrumentos com bons dados psicométricos para avaliar o CR e, possivelmente CR e impulsividade em um mesmo instrumento. Algumas das ferramentas padronizadas podem ser adaptadas para outros países ou servirem de base para que novos instrumentos sejam desenvolvidos. A presente revisão sistemática abre caminho para futuras pesquisas a partir de um panorama geral dos instrumentos utilizados para avaliar a impulsividade e CR. A literatura disponível, ainda que pequena, permitiu verificar que a compreensão da impulsividade relacionada ao CR é recente e um tema que ainda tem muito a ser explorado por sua importância em termos de intervenções com os jovens. Além disso, observaram-se potencialidades de estudos empíricos e longitudinais conforme mencionados ao longo da seção resultados e discussões.

Uma melhor compreensão da relação entre impulsividade e CR, bem como sua forma de avaliação em adolescentes é promissora para a idealização de políticas públicas que abordem a maneira mais eficaz de tratamento e prevenção destes comportamentos. Conforme indicam estudos epidemiológicos (Brasil, 2016, 2017), apesar de as escolas inserirem programas de informação e esclarecimento aos jovens, o que faz com que um adolescente se engaje em um CR depende do quanto ele consegue adiar o prazer que ele espera alcançar com determinada atitude (Steinberg, 2014). É preciso repensar as estratégias de intervenção atualmente adotadas e estudos como esta revisão sistemática pode oferecer fundamentação.

Esta revisão também mostrou que não há uniformidade entre as avaliações e nem no que concerne à definição de impulsividade. Isso mostra que há uma necessidade de mais pes-

quisas e também o desenvolvimento de um protocolo amplamente aceito e com evidências de validade e fidedignidade. Conforme aponta Cassia Alves et al. (2015), os estudos acerca dos CR tendem a usar diferentes métodos e instrumentos, dificultando a união dos resultados para um entendimento mais amplo do problema. De modo geral a qualidade metodológica dos estudos revisados é boa, considerando os quesitos discutidos ao longo do artigo, além de terem apresentado tamanhos de amostra e delineamentos adequados considerando-se o objetivo de cada estudo.

Esta revisão reflete o estado atual de conhecimentos sobre o assunto na medida das restrições estabelecidas previamente nos critérios de inclusão de artigos. Como limitações da presente revisão, cita-se o viés de publicação, pois, apesar de não terem sido feitas restrições de idiomas como filtro de busca dos artigos, os quatro estudos encontrados em outro idioma que não inglês, não puderam ser analisados por falta de tradução adequada. Assim, como limitações da presente revisão sistemática, indica-se a condução de diferentes estudos: ampliar o escopo do estudo dos CR a fim de verificar se os achados aqui descritos se confirmam para outros tipos de comportamento como, por exemplo, comportamento delinquente e analisar a qualidade dos instrumentos utilizados para avaliar CR e impulsividade. Além disso, como sugestão para futuras pesquisas, a inclusão de estudos com adultos parece importante, pois estudos retrospectivos poderiam mostrar a relação entre esses dois construtos a partir de uma perspectiva desenvolvimental. Quaisquer que sejam as limitações deste estudo, os resultados indicaram achados que permitem avançar a compreensão psicológica de comportamentos comuns durante a adolescência.

REFERÊNCIAS

- Alves, Cássia Ferrazza; Zappe, Jana Gonçalves & Dell’Aglío, Débora Dalbosco (2015). Índice de comportamentos de risco: construção e análise das propriedades psicométricas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(3), 371-382. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000300003>
- Ambiel, Rodolfo Augusto Matteo & Carvalho, Lucas de Francisco (2017). Validade e precisão de instrumentos de avaliação psicológica. In Manuela Ramos Caldas Lins & Juliane Callegaro Borsa (Eds.), *Avaliação psicológica: Aspectos teóricos e práticos* (pp. 115-125). Petrópolis: Vozes.
- Brasil, Ministério da Saúde. (2016). *Boletim epidemiológico - AIDS e DST*. Brasília: Secretaria de Vigilância em Saúde. Retrieved from <https://goo.gl/rVabBW>
- Brasil, Ministério da Saúde. (2017). *Aids no Brasil: Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais*. Retrieved from <http://www.aids.gov.br/pagina/aids-no-brasil>
- Brown, Mathew R. G.; Benoit, James R. A.; Juhais, Michel; Lebel, R. Marc; MacKay, Marnie; Dametto, Ericson... Greenshaw, Andrew J. (2015). Neural correlates of high-risk behavior tendencies and impulsivity in an emotional Go/NoGo fMRI task. *Frontiers in Systems Neuroscience*, 9, 24. <https://doi.org/10.3389/fnsys.2015.00024>
- Brown, Mathew R. G.; Lebel, R. Marc; Dolcos, Florin; Wilman, Alan H.; Silverstone, Peter H.; Pazderka, Hannah... Dursun, Serdar M. (2012). Effects of emotional context on impulse control. *NeuroImage*, 63(1), 434-446. <https://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2012.06.056>
- Charles, Nora E.; Ryan, Stacy R.; Bray, Bethany C.; Mathias, Charles W.; Acheson, Ashley & Dougherty, Donald M. (2016). Altered developmental trajectories for impulsivity and sensation seeking among adolescent substance users. *Addictive Behaviors*, 60, 235-241. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2016.04.016>
- Ciarrochi, Joseph; Brockman, Robert; Duguid, James; Parker, Philip; Sahdra, Baljinder & Kashdan, Todd (2016). Measures that make a difference: A functional contextualistic approach to optimizing psychological measurement in clinical research and practice. In Robert Zettle, Steven C. Hayes, Anthony Biglan, & Dermot Barnes-Holmes (Eds.), *Handbook of Contextual Behavioral Science* (pp. 320-347). <https://doi.org/10.1002/9781118489857.ch16>
- Cohn, Moran D.; Popma, Arne; Raine, Adrian & Cima, Maaïke (2016). Biological approaches to externalising disorders and juvenile psychopathic traits. In Maaïke Cima (Ed.), *The Handbook of Forensic Psychopathology and Treatment* (pp. 74-97). New York: Routledge.
- Collado, Anahí; MacPherson, Laura; Kurdziel, Gretchen; Rosenberg, L. A. & Lejuez, Carl W. (2014). The relationship between puberty and risk taking in the real world and in the laboratory. *Personality and Individual Differences*, 68, 143-148. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.04.019>
- Costa, Angelo Brandelli; Zoltowski, Ana Paula Couto; Koller, Sílvia Helena & Teixeira, Marco Antô-

- nio Pereira (2015). Construção de uma escala para avaliar a qualidade metodológica de revisões sistemáticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(8), 2441-2452. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015208.10762014>
- Dir, Allyson L.; Coskunpinar, Ayca & Cyders, Melissa A. (2014). A meta-analytic review of the relationship between adolescent risky sexual behavior and impulsivity across gender, age, and race. *Clinical Psychology Review*, 34(7), 551-562. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2014.08.004>
- Eysenck, Sybil Bianca Giuliett & Eysenck, Hans Jürgen (1977). The place of impulsiveness in a dimensional system of personality description. *British Journal of Social and Clinical Psychology*, 16(1), 57-68. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8260.1977.tb01003.x>
- Fernández-Ríos, Luís & Buela-Casal, Gualberto (2009). Standards for the preparation and writing of Psychology review articles. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 9(2), 329-344. [https://doi.org/10.1016/S1697-2600\(13\)70007-3](https://doi.org/10.1016/S1697-2600(13)70007-3)
- Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). (2011). *O direito de ser adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades*. Retrieved from http://www.unicef.org/brazil/pt/br_sabrep11.pdf
- Galvão, Taís Freire; Pansani, Thais de Souza Andrade & Harrad, David (2015). Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(2), 335-342. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>
- Gunnarsson, Mattias; Gustavsson, Petter; Tengström, Anders; Franck, Johan & Fahlke, Claudia (2008). Personality traits and their associations with substance use among adolescents. *Personality and Individual Differences*, 45(5), 356-360. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2008.05.004>
- Hamilton, Kristen R.; Felton, Julia W.; Risco, Cristina M.; Lejuez, Carl W. & MacPherson, Laura (2014). Brief report: The interaction of impulsivity with risk-taking is associated with early alcohol use initiation. *Journal of Adolescence*, 37(8), 1253-1256. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2014.08.013>
- Holz, Nathalie E.; Zohsel, Katrin; Laucht, Manfred; Banaschewski, Tobias; Hohmann, Sarah & Brandeis, Daniel (2016). Gene x environment interactions in conduct disorder: Implications for future treatments. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 91, 239-258. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2016.08.017>
- International Society for Research on Impulsivity. (2017, Maio 19). *What is Impulsivity?* [Website] Retrieved from <http://www.impulsivity.org/index.htm>
- Keough, Matthew T.; Badawi, Ghislaine; Nitka, Danit; O'Connor, Roisin M. & Stewart, Sherry H. (2016). Impulsivity increases risk for coping-motivated drinking in undergraduates with elevated social anxiety. *Personality and Individual Differences*, 88, 45-50. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.08.036>
- Leeuwen, Andrea Prince van; Creemers, Hanneke E.; Verhulst, Frank C.; Ormel, Johan & Huizink, Anja C. (2011). Are adolescents gambling with cannabis use? A longitudinal study of impulsivity measures and adolescent substance use: The TRAILS study. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 72(1), 70-78. <https://doi.org/10.15288/jsad.2011.72.70>
- Malmberg, Monique; Overbeek, Geertjan; Monshouwer, Karin; Lammers, Jeroen; Vollebergh, Wilma A. M. & Engels, Rutger C. M. E. (2010). Substance use risk profiles and associations with early substance use in adolescence. *Journal of Behavioral Medicine*, 33(6), 474-485. <https://doi.org/10.1007/s10865-010-9278-4>
- Martel, Michelle M.; Markon, Kristian & Smith, Gregory T. (2017). Research Review: Multi-informant integration in child and adolescent psychopathology diagnosis. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 58(2), 116-128. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12611>
- Martinez-Loredo, Victor; Fernandez-Hermida, Jose Ramon; De La Torre-Luque; Alejandro & Fernandez-Artamendi, Sergio (2018). Trajectories of impulsivity by sex predict substance use and heavy drinking. *Addictive Behaviors*, 85, 164-172. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2018.06.011>
- McNeely, Clea & Blanchard, Jayne (2009). *The teen years explained: A guide to healthy adolescent development*. Retrieved from https://stacks.cdc.gov/view/cdc/12277/cdc_12277_DS1.pdf
- Mihura, Joni L. (2012). The necessity of multiple test methods in conducting assessments: The role of the Rorschach and self-report. *Psychological Injury and Law*, 5, 97-106. <https://doi.org/10.1007/s12207-012-9132-9>
- Moeller, F.; Gerard, Barratt; Ernest S.; Dougherty, Donald M.; Schmitz, Joy M. & Swann, Alan C.

- (2001). Psychiatric Aspects of Impulsivity. *American Journal of Psychiatry*, 158(11), 1783-1793. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.158.11.1783>
- Niquice, Fernando Lives Andela (2014). Comportamento de risco na adolescência. In Luísa Fernanda Habizang, Eva Diniz, & Silvia Helena Koller (Eds.), *Trabalhando com adolescentes: Teoria e intervenção psicológica* (pp. 42-53). Porto Alegre: Artmed.
- Ooi, Yoon Phaik; Glenn, Andrea L.; Ang, Rebecca P.; Vanzetti, Stefania; Falcone, Tiziana; Gaab, Jens & Fung, Daniel S. (2017). Agreement between parent- and self-reports of psychopathic traits and externalizing behaviors in a clinical Sample. *Child Psychiatry & Human Development*, 48(1), 151-165. <https://doi.org/10.1007/s10578-016-0659-y>
- Panwar, Karni; Rutherford, Helena J. V.; Mencl, W. Einar; Lacadie, Cheryl; Potenza, Marc & Mayes, Linda C. (2014). Differential associations between impulsivity and risk-taking and brain activations underlying working memory in adolescents. *Addictive Behaviors*, 39(11), 1606-1621. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2013.12.007>
- Peña-Oliver, Yolanda; Giuliano, Chiara; Economidou, Daiana; Goodlett, Charles R.; Robbins, Trevor W.; Dalley, Jeffrey W. & Everitt, Barry J. (2015). Alcohol-preferring rats show goal orientated behaviour to food incentives but are neither sign-trackers nor impulsive. *PLoS One*, 10(6), 1-16. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0131016>
- Romer, Daniel; Betancourt, Laura M.; Brodsky, Nancy L.; Giannetta, Joan M.; Yang, Wei & Hurt, Hallam (2011). Does adolescent risk taking imply weak executive function? A prospective study of relations between working memory performance, impulsivity, and risk taking in early adolescence. *Developmental Science*, 14(5), 1119-1133. <https://doi.org/10.1111/j.1467-7687.2011.01061.x>
- Rosen, Dana; Patel, Nilam; Pavletic, Nevia; Grillon, Christian; Pine, Daniel S. & Ernst, Monique (2016). Age and social context modulate the effect of anxiety on risk-taking in pediatric samples. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 44(6), 1161-71. <https://doi.org/10.1007/s10802-015-0098-4>
- Sales, Jessica M.; Latham, Teaniese P.; Diclemente, Ralph J. & Rose, Eve (2010). Differences between dual-method and non-dual-method protection use in a sample of young African American women residing in the Southeastern United States. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 164(12), 1125-31. <https://doi.org/10.1001/archpediatrics.2010.230>
- Sharma, Leigh; Markon, K Kristian E. & Clark, Lee Anna (2014). Toward a theory of distinct types of "impulsive" behaviors: A meta-analysis of self-report and behavioral measures. *Psychological Bulletin*, 140(2), 374-408. <https://doi.org/10.1037/a0034418>
- Squeglia, Lindsay M.; Jacobus, Joanna & Tapert, Susan. F. (2009). The influence of substance use on adolescent brain development. *Clinical EEG and Neuroscience*, 40(1), 31-8. <https://doi.org/10.1177/155005940904000110>
- Steinberg, Laurence (2008). A social neuroscience perspective on adolescent risk-taking. *Developmental Review*, 28(1), 78-106. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2007.08.002>
- Steinberg, Laurence (2014). *Age of opportunity: lessons from the new science of adolescence*. New York: Houghton Mifflin Harcourt.
- Vasconcelos, Alina Gomide; Malloy-Diniz, Leandro & Correa, Humberto (2012). Systematic review of psychometric properties of Barrat impulsiveness scale version 11 (BIS-11). *Clinical Neuropsychiatry*, 9(2), 61-74. Retrieved from <https://goo.gl/Z97w8t>
- Wheeler, Lorey A.; Zeiders, Katharine H.; Updegraff, Kimberly A.; Umaña-Taylor, Adriana J.; Rodríguez de Jesús, Sue A. & Perez-Brena, Norma J. (2017). Mexican-origin youth's risk behavior from adolescence to young adulthood: The role of familism values. *Developmental Psychology*, 53(1), 126-137. <https://doi.org/10.1037/dev0000251>
- Willhelm, Alice Rodrigues; Fortes, Paula Madeira; Czeremainski, Fernanda Rasch; Rates, Aline Schwalm Andrade & Almeida, Rosa Maria Martins de (2016). Neuropsychological and behavioral assessment of impulsivity in adolescents: a systematic review. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 38(3), 128-135. <https://doi.org/10.1590/2237-6089-2015-0019>
- World Health Organization. (2018). Age - not the whole story. Retrieved May 15, 2018, from <http://apps.who.int/adolescent/second-decade/section2/page2/age-not-the-whole-story.html>
- Zanon, Cristian & Hauck Filho, Nelson (2015). Fidedignidade. In Claudio Simon Hutz, Denise Ruschel Bandeira, & Clarissa Marcelli Trentini (Eds.), *Psicometria* (pp. 85-95). Porto Alegre: Artmed.
- Zimmermann, Grégoire (2010). Risk perception, emotion regulation and impulsivity as predictors of risk behaviours among adolescents in Switzerland. *Journal of Youth Studies*, 13(1), 83-99. <https://doi.org/10.1080/1367626090317348>



ANDREIA MELLO DE ALMEIDA SCHNEIDER

Psicóloga, doutoranda do Programa de Pós-Graduação da UFRGS.

MARINA PANTE

Psicóloga, doutoranda do Programa de Pós-Graduação da UFRGS.

ROSA MARIA MARTINS DE ALMEIDA

Psicóloga, Professora do Programa de Pós-Graduação da UFRGS

DENISE RUSCHEL BANDEIRA

Psicóloga, Professora do Programa de Pós-Graduação da UFRGS.

DIRECCIÓN DE CONTACTO

andreiamas.psic@gmail.com | marina.pante@gmail.com | rosa_almeida@yahoo.com | deniserbandeira@gmail.com

FORMATO DE CITACIÓN

Schneider, Andreia Mello de Almeida; Pante, Marina; Almeida, Rosa Maria Martins de & Bandeira, Denise Ruschel (2019). Instrumentos padronizados na avaliação da impulsividade e comportamentos de risco em adolescentes: revisão sistemática. *Quaderns de Psicologia*, 21(2), e1491. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/psicologia.1491>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 13/11/2018
1ª Revisión: 14/04/2019
Aceptado: 25/04/2019